



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Representação da UNESCO no Brasil

TECNOLOGIA,  
INFORMAÇÃO  
e INCLUSÃO

TICs nas ESCOLAS

V. 4, n. 3, 2008

JUVENTUDE E INTERNET

BR/2008/PI/H/15

## Indígenas recriam a própria imagem em vídeo

A UNESCO apresenta *Tecnologia, Informação e Inclusão*, uma série de folhetos destinada a jornalistas atuantes na mídia comunitária, estudantes e ao público em geral. Seu objetivo é estimular a disseminação de informação e o debate sobre a contribuição das novas tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento social no Brasil.

A série é composta por vários volumes temáticos apresentados em folhetos que tratam, em linguagem jornalística, de aspectos específicos de cada tema. Os volumes e seus respectivos folhetos são descritos abaixo.

A jornalista *Thais de Mendonça* elaborou os folhetos das primeiras quatro séries.

Os folhetos foram revisados pela equipe da *Coordenação de Comunicação e Informação* e pela *Assessoria de Comunicação da UNESCO no Brasil*.

Comentários e sugestões poderão ser enviados a <[http://www.unesco.org.br/faleconosco/form\\_fconosco](http://www.unesco.org.br/faleconosco/form_fconosco)>

Muitas aldeias indígenas brasileiras já têm câmera digital e computador. Entretanto os bororos da aldeia Meruri, no Mato Grosso, querem mais. O projeto Meri Ore Oda (Morada dos Filhos do Sol) foi idealizado para promover a reconstrução da aldeia nos moldes tradicionais – o desenho circular da oca e as paredes de palha de babaçu – a partir do Baito, eixo espiritual da cultura bororo. O líder da tribo, Paulo Miriecoreu, conseguiu juntar os 500 bororos, jovens e velhos na defesa do patrimônio cultural de seu povo.

Pontos de cultura nas aldeias guaranis de Krukutu e Tekoá Pyaú, em São Paulo, e na bororo Meruri começaram a funcionar no fim de 2006 com apoio do MinC, que disponibilizou os equipamentos multimídia. Os jovens bororos e guaranis estão recebendo oficinas de capacitação digital em produção, edição e finalização de vídeo no Centro de Educação e Cultura Indígena, projeto administrado pela ONG Instituto das Tradições Indígenas (Ideti) em convênio com as secretarias de educação locais. O resultado será distribuído às outras aldeias, com fins de integração entre elas, além de gerar, junto com o artesanato, renda para a comunidade.

O projeto da ONG Vídeo nas Aldeias nasceu em 1987 com o antropólogo e documentarista Vincent Carelli. Ele pretendia, por meio do vídeo, ajudar povos indígenas a recriar a imagem e resgatar sua identidade. A primeira experiência foi com os nambiquaras, que se retrataram como gostariam de ser



Foto: UNESCO

### VOLUME 1 Acesso às Novas Tecnologias

- 1.1: Brasil no rumo da inclusão
- 1.2: O papel das ONGs
- 1.3: O papel do governo
- 1.4: Telecentros no país

### VOLUME 2 Informação para Todos

- 2.1: Acesso do portador de necessidade especial
- 2.2: Telecentros acessíveis
- 2.3: Acesso muda a vida das pessoas

### VOLUME 3 Computador na Escola

- 3.1: A dura realidade das escolas
- 3.2: O futuro anunciado
- 3.3: Tecnologia e aprendizagem

### VOLUME 4 Juventude e Internet

- 4.1: Sonho de jovem inclui emprego e um computador
- 4.2: Do maracatu atômico ao hip hop digital
- 4.3: Indígenas recriam a própria imagem em vídeo
- 4.4: O caso de três jovens brasileiros
- 4.5: Ameaça na rede

vistos. O projeto fez sucesso no Brasil e no exterior e hoje conta com uma coleção de 52 vídeos produzidos, vários deles premiados. Grande parte dos realizadores indígenas são jovens recém-iniciados na cultura digital. Uma das preocupações do Vídeo nas Aldeias é capacitar a população indígena a defender suas tradições.

Esta também é a idéia do governo federal, ao iniciar em 2006 o primeiro treinamento em TICs para professores

indígenas da educação básica. O curso básico, as oficinas de informática e de programação visual que o Ministério da Educação ofereceu tinham por objetivo ensinar o manejo dos equipamentos de informática, do computador ao scanner e à internet, abrir novos campos de pesquisa e ajudar na confecção de materiais didáticos.

Segundo a antropóloga e assessora da Coordenação de Educação Escolar Indígena do MEC, Mônica Pechincha,

Foto: Felipe Cámara/Photo Agência/UNESCO



o programa Diversidade na Universidade prevê que as escolas indígenas de ensino médio, com mais de 35 alunos e sem computador, devem ser atendidas com prioridade pelos programas de governo para ter condições de montar salas de informática. “Equipar as escolas”, afirma Mônica, “é parte da política de incentivo à produção de material didático na língua materna ou bilíngüe para assegurarmos o direito à diversidade.”



Júlio Kamer Apinajé, aos 20 anos já é professor na escola local. Enquanto cursa a segunda série do ensino médio, Júlio dá aula de artes aos alunos do ensino fundamental da reserva Apinajé, município de Tocantinópolis (TO). Ele não tem computador na escola, mas sonha registrar, no futuro próximo, a vida cultural do povo apinajé – danças, pinturas, músicas – em livros e DVDs. “O mundo muda muito, e nós não queremos perder as nossas raízes”, destaca.

Um programa do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), o Corredor Digital, treina índios de três aldeias para operar como multiplicadores e levar até lá as novidades da tecnologia da informação e da comunicação. “Não queremos que seja apenas um programa para doar computadores. Como a intenção é dar autonomia às comunidades, vamos preparar programas de computador para receber palavras da língua tukano”, revela Orlene Lúcia Carvalho, professora de lingüística da Universidade de Brasília (UnB), que integra o projeto junto com o Ibict.

No curso para multiplicadores, em Brasília, representantes das aldeias se reuniram para definir que nomes devem ser dados às partes do computador. Mouse virou Bi’í, que quer dizer rato. “Vocês, brancos, são muito fracos nisso. Não entendo como o brasileiro não tem a sensibilidade de perceber que a linguagem também é uma forma de dominação”, observa Sebastião Duarte, que vive na tribo de Taracua, uma das três da etnia tukano que participaram do curso.

Para o índio Oséas Ramos Marinho, da aldeia de Pari-cachoeira, a inclusão digital dos índios é uma forma de poder lutar com os brancos usando a arma que eles usam. “Muitos jovens saem de casa para ir atrás de estudos e oportunidades de emprego. Agora, essa oportunidade está na própria aldeia”, garante Oséas.

No bojo de todos esses projetos está a intenção de que os jovens indígenas tenham acesso à tecnologia digital e à internet e, por intermédio das TICs, possam contar a sua história. Na linha da preservação dos valores, o que mais atrai os índios é poder manter viva sua cultura armazenando registros no idioma nativo, arquivando e registrando mitos, lendas e o conhecimentos ancestrais.

## JUVENTUDE E INTERNET

### Questões para discussão (para leitores e jornalistas)

Você acha que, na sua comunidade, as pessoas sabem que os indígenas brasileiros têm acesso a computador, internet e filmadoras?

Você sabe se há interesse em sua comunidade pela cultura indígena no Brasil?

Em sua opinião, qual a importância de existirem pontos de cultura em aldeias indígenas brasileiras?

### Para saber mais

<[http://www.cultura.gov.br/programas\\_e\\_acoes/programa\\_cultura\\_viva/pontos\\_de\\_cultura/index.php](http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/programa_cultura_viva/pontos_de_cultura/index.php)>

<<http://www.ideti.org.br/>>

<<http://www.videonasaldeias.org.br/home.htm>>

<<http://www.funai.gov.br/>>